

## **Formação e atuação de mulheres instrumentistas na música popular: Um estudo de caso no distrito de Rio das Mortes (MG)**

**Silvia Rocha Costa<sup>1</sup>**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI – PPGMUSI

Mestrado

Subárea do SIMPOM: *Educação Musical*

**Resumo:** No Brasil, o papel marcante de Chiquinha Gonzaga como instrumentista, compositora e maestrina abriu novos caminhos para a atuação das mulheres enquanto protagonistas da música brasileira. No entanto, após esse período percebemos uma invisibilização do trabalho das mulheres como instrumentistas, principalmente no campo da música popular. Considerando esse panorama de pouca visibilidade do trabalho das mulheres instrumentistas, nos interessa agora a subversão da tradição, ou seja, a formação e ocupação, mesmo que minoritária, das mulheres na condução e execução de instrumentos em grupos musicais profissionais. Utilizando o retrato sociológico como dispositivo metodológico, esta pesquisa, em fase de desenvolvimento, apresentará um estudo de caso sobre a formação musical e atuação profissional de duas mulheres instrumentistas no campo da música sertaneja em um distrito da cidade de São João del Rei (MG). Em diálogo com a microsociologia e as teorias de gênero, este trabalho pretende investigar as tensões nas relações de gênero na formação musical das instrumentistas, e também compreender os desafios que estão em jogo, desde a escolha do instrumento, passando pela trajetória de estudos, até a consolidação de um trabalho profissional em música popular e sua consequente legitimação em seu contexto de atuação.

**Palavras-chave:** Mulheres instrumentistas; Gênero; Música popular; Educação musical; Formação musical.

### **Musical Education and Performance of Women Instrumentalists in Popular Music. A case study in the district of Rio das Mortes, MG**

**Abstract:** In Brazil, Chiquinha Gonzaga's remarkable career as an instrumentalist, composer and conductor opened new paths for women to act as Brazilian music protagonists. However, after this period we noticed an invisibility of women's work as instrumentalists, mainly in the context of popular music. Considering this panorama of low visibility of women instrumentalists' work, we are now interested in the subversion of tradition, that is, the education and occupation, even if minority, of women in conducting and playing instruments in professional musical groups. Using the sociological portrait as a methodological device, this ongoing research will present a case study on the musical education and professional performance of two women instrumentalists in the field of *sertanejo* music in a district of the city of São João del Rei, MG. In dialogue with microsociology and gender theories, this work aims to investigate the tensions in gender relations in the musical education of the instrumentalists. This study also aims to understand the challenges that are at stake, from the choice of the instrument, through the trajectory of studies, to the consolidation of professional work in popular music and its consequent legitimation in its context of performance.

---

<sup>1</sup> Orientadora: Dra. Carla Silva Reis. Bolsista da Pró Reitoria de Pesquisa da UFSJ.

**Keywords:** Instrumentalist women; Gender; Popular music; Music education; Musical training.

## **1 Apresentando a pesquisa: contextualização e objetivos**

A importância para a música brasileira de Francisca Edwiges Neves Gonzaga, mais conhecida por Chiquinha Gonzaga, é incontestável, sendo considerada a primeira maestrina do país. Em 1877, ela publica sua primeira composição, a polca Atraente, e dois anos depois começa a trabalhar como pianista, tendo sua estreia como maestrina ocorrida em 1885 (DINIZ, 1991). A compositora e instrumentista mesclou influências da música europeia com o lundu, o maxixe, o tango, compôs marchas para carnaval, operetas e também peças para teatro, chegando à marca de 2.000 composições. Pioneira na música popular brasileira, Chiquinha Gonzaga marca uma geração em um tempo em que as mulheres recebiam educação em casa - pois não podiam frequentar escola - e aprendiam também a costurar e cozinhar, tendo, portanto, seu papel restrito aos domínios “do lar”. Assim, se fazia a espera por um bom marido: “naquele tempo, (no bom tempo) em grande número de casos, o marido não era um consorte, era um senhor” (MACEDO, 1965, p.340).

De reconhecida excelência musical – “Chiquinha Gonzaga foi uma das primeiras pianistas do Brasil, conhecia o piano por dentro e por fora” (PINTO, 1978, p.42) – seu pioneirismo foi além dos domínios da música. Ela rompeu com os costumes da época ao se apresentar publicamente como pianista, compositora, maestrina e professora, tirando o seu sustento e de seus filhos do próprio trabalho, além de atuar como militante na campanha abolicionista. Ela também enfrentou o preconceito no trabalho, como mostra esse recorte de jornal da época: “A compositora, que anteontem tentava a carreira espinhosa de maestra, se é lícito afeminar esse termo...” (recorte de jornal s/t. 19/01/1885, Arquivo SBAT, in DINIZ, 1991, p.109).

Enquanto no cenário musical e social brasileiro do séc. XIX a atuação de Chiquinha Gonzaga se destaca pela exceção, em alguns países da Europa a atuação das mulheres como profissionais no ramo da música nas chamadas Ladies Orchestras começou a se consolidar. Mesmo enfrentando uma forte resistência, algumas dessas orquestras foram extremamente populares na Áustria e na Inglaterra, muitas delas chegando a organizar turnês em diversos países, divulgando a presença das mulheres na música profissional. O número de musicistas nessas orquestras costumava variar chegando até sessenta participantes (SCOTT, 2011, p. 22).

No Brasil, o papel de Chiquinha Gonzaga enquanto instrumentista, compositora e maestrina abriu novos caminhos, ainda que espinhosos, para a atuação das mulheres enquanto “produtoras”, e não somente apreciadoras, da nova música brasileira que surgia à época. No entanto, após esse período percebemos uma invisibilização do trabalho das mulheres instrumentistas, exceção feita à atuação das mulheres como pianistas, embora restrita quase totalmente à música de concerto. Entre as pianistas brasileiras que alcançaram notoriedade profissional, tanto no país como também no exterior, destacamos nomes como os de Antonietta Rudge, Guiomar Novaes e Magdalena Tagliaferro. Curiosamente, até os dias atuais, no campo da música popular, a atuação das instrumentistas ainda é opaca, apagada pela forte tradição masculina na execução de instrumentos em grupos musicais. É importante salientar o termo “instrumentistas”, pois é fato que o Brasil dispõe de um grande número de cantoras de música popular, porém o foco deste trabalho aponta para o não-lugar das mulheres na execução de instrumentos musicais. Como dito anteriormente, no Brasil, à época de Chiquinha, somente o piano era permitido às mulheres, contanto que fosse tocado no ambiente doméstico.

Considerando o panorama de descrédito e pouca visibilidade do trabalho das mulheres enquanto instrumentistas, esta pesquisa se interessa pela subversão dessa tradição, ou seja, pela crescente formação profissional e ocupação, mesmo que ainda minoritária, das mulheres na condução e execução de instrumentos em grupos musicais profissionais. Na primeira fase desta pesquisa, a fim de compreender melhor o estado da arte da temática do trabalho, foi realizado um levantamento da produção científica, dos últimos dez anos, em importantes veículos de divulgação da área da educação musical e etnomusicologia no Brasil, a saber: as revistas da ABEM, ABET e ANPPOM e também na plataforma de teses e dissertações da Capes. Os termos utilizados na busca foram os seguintes: “mulheres instrumentistas” e “gênero” e no total foram localizados somente seis trabalhos contendo as expressões citadas com o foco nesta temática. Os assuntos abordados se concentram na atuação das mulheres musicistas no samba e em corporações musicais, processos de criação de mulheres compositoras e relações de poder em manifestações culturais. Por meio do levantamento foi possível constatar a escassez e conseqüente necessidade de estudos sobre a atuação das mulheres instrumentistas no contexto da música popular brasileira na atualidade

Esta pesquisa, em diálogo com a microssociologia, apresenta um estudo de caso sobre a formação musical e a atuação profissional de duas mulheres instrumentistas no campo da música sertaneja em um distrito da cidade de São João del Rei (MG). Pretende-se

investigar as tensões nas relações de gênero na formação musical destas instrumentistas, e também compreender os desafios que estão em jogo, desde a escolha do instrumento, passando pela trajetória de estudos, até a consolidação de um trabalho profissional em música popular e sua conseqüente valorização e reconhecimento.

As mulheres – sujeitos dessa pesquisa – são irmãs e nasceram no distrito de Rio das Mortes em São João del Rei, Minas Gerais, onde vivenciaram a música com o pai desde a primeira infância. Aos 5 e 9 anos já se apresentavam no cenário da música sertaneja da região. Ainda na infância, iniciaram os estudos formais no conservatório da cidade, lugar de reconhecida tradição na música de concerto e ingressaram no curso de música da universidade federal na mesma cidade. Elas atuam e são reconhecidas na região tanto pelo trabalho enquanto compositoras no gênero sertanejo, quanto como regentes da banda do distrito, professoras, concertistas, e atuantes no cenário do choro. Atualmente, transitam entre a sanfona, o canto e a viola caipira no contexto da música popular, e o clarinete, regência e violão erudito no curso superior.

Para a realização desta pesquisa, pretende-se discutir as questões de gênero na música e o lugar da mulher enquanto instrumentista popular – suas tensões e desafios – a partir da elaboração e análise de "retratos sociológicos", contributo metodológico do sociólogo francês Bernard Lahire (2002), que será apresentado na seção a seguir.

## **2 Aporte teórico e abordagem metodológica**

Questionando os costumes da época, Chiquinha Gonzaga subverteu a divisão do que era apropriado às mulheres e o que era autorizado somente aos homens, como a profissão de músico ou maestro. Sobre a “divisão dos sexos”, o sociólogo Pierre Bourdieu (2002) comenta que essa divisão parece estar na “ordem das coisas”, quando usado para justificar que algo é natural, normal, a ponto de ser inevitável: ela está presente em todo o mundo social, e em estado incorporado nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e ação. As aparências biológicas e os efeitos que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes se somam para inverter a relação entre as causas e efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada, os gêneros como *habitus* sexuados, como o fundamento natural da divisão aleatória que está, não só no princípio da realidade, como também no da representação da realidade. Assim, a diferença biológica entre os sexos pode ser vista como uma justificativa natural da diferença socialmente construída entre gêneros, e principalmente,

da divisão do trabalho. Este autor diz que sempre viu na dominação masculina o exemplo dessa submissão paradoxal, resultante daquilo que chama “violência simbólica”, suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento.

Sobre os problemas de gênero Butler (2003) questiona se o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou se é construído culturalmente. Qual é o mecanismo dessa construção? Se o gênero é construído, sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de transformação? A ideia de que o gênero é construído sugere um determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a cultura que constrói o gênero é entendida à luz desse conjunto de leis, surge a impressão de que o gênero é determinado e fixo, como na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino.

É neste campo de tensões que se localiza o problema a ser investigado, que tem como premissa a supremacia da presença masculina na execução de instrumentos na música popular brasileira: uma maior aceitação e visibilidade do trabalho de homens na posição de condução de grupos musicais - como também a dupla provação pela qual passam as mulheres ao se promoverem como instrumentistas, atitude que parece ir na contramão da tradição já questionada por Chiquinha Gonzaga desde o século XIX. Tendo o distrito de Rio das Mortes, pertencente ao município de São João del Rei como *locus* da pesquisa, esta proposta busca compreender o que está em jogo na escolha dos instrumentos sabendo que esta escolha não é aleatória. Aprofundar o olhar sobre a trajetória de vida e estudos destas duas instrumentistas, nos leva a repensar as forças que atuam nos processos de formação musical das mulheres, os obstáculos que encontram desde uma época em que não eram autorizadas a tocar um instrumento, até os dias de hoje. Ao discutir questões de gênero na música popular, esta pesquisa, que também é fruto de uma iniciação científica concluída no curso de minha graduação, levanta inquietações a respeito da invisibilidade da mulher enquanto instrumentista e busca ferramentas para analisar a trajetória de mulheres que se propuseram a traçar uma carreira profissional como instrumentistas no campo da música popular brasileira na atualidade.

Esta pesquisa se valerá dos seguintes procedimentos metodológicos: revisão da literatura pertinente à temática da pesquisa; entrevistas previamente autorizadas com as

musicistas; realização e transcrição de entrevistas semiestruturadas; elaboração e análise, à luz do aporte teórico abordado na pesquisa, dos "retratos sociológicos" (LAHIRE, 2002) das entrevistadas.

A escrita dos retratos sociológicos, construídos a partir de entrevistas em profundidade, se baseia na teoria microssociológica proposta pelo francês Bernard Lahire (2005). Em seu trabalho ele propõe uma sociologia à escala individual e nos fala da generalidade do singular. Contrariamente ao que poderíamos temer numa primeira abordagem, a sociologia à escala individual não se opõe às abordagens estatísticas. Ela não só se alimenta das constatações e das análises da sociologia estatisticamente fundada, como, depois de revelada a heterogeneidade intraindividual, permite apreender claramente a pluralidade das disposições individuais em grandes números e a partir de inquéritos quantitativos clássicos.

A abordagem microssociológica de Bernard Lahire (2002) – estudo das variações intraindividuais e interindividuais dos comportamentos, bem como de seus determinantes sociais heterogêneos – será adotada para a construção e análise dos retratos sociológicos ou biografias sociológicas. Em sua perspectiva, a história de vida das entrevistadas é construída a partir de um roteiro que, segundo Reis (2014) permite resgatar seu percurso tendo em vista a pluralidade de instâncias socializadoras e de contextos,. No caso da escrita das biografias sociológicas das irmãs musicistas, sujeitos desse trabalho, as instâncias socializadoras que nos interessam são as seguintes: o ambiente familiar e cultural, a valorização e reconhecimento da carreira musical pelos moradores do distrito, as relações sociais em um curso superior e a profissionalização precoce no cenário musical da região.

Por meio dos retratos, espera-se apreender como fatores internos e externos ao indivíduo se articulam e instituem um coeficiente de singularidade que, por sua vez, também reflete a dimensão social na qual o sujeito está inserido, podendo levar à compreensão das regularidades: "estudar o social individualizado, ou seja, o social refratado num corpo individual que tem a particularidade de atravessar instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas diferentes, é estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada" (LAHIRE, 2005, p.14).

Lahire (2002) coloca que neste projeto houve um retorno crítico aos instrumentos de pensamento de uma grande tradição teórica em matéria de teoria da ação proposta por Bourdieu, a tradição disposicionalista, que considera o passado incorporado dos atores individuais na análise das práticas ou comportamentos sociais onde o contexto somado ao

*habitus*, resulta em práticas. Sobre o princípio da não consciência, o autor explica que uma disposição só se revela por meio da interpretação de múltiplos traços, coerentes ou contraditórios, da atividade do entrevistado, e conta com a observação direta dos comportamentos, acesso a arquivos e recursos como questionário ou entrevista sociológica. Ao lidar com uma determinada quantidade de informações sobre como o sujeito se comporta, age e reage em diversas situações, o sociólogo busca formular o princípio que dá origem a esses comportamentos, considerando que o ator não tem consciência das determinações internas e externas que o levaram a agir exatamente como o fez. Para ele, não se pode pressupor que o ator tenha a chave disposicional e contextual do que o faz agir, e ainda sugere um caminho teórico metodológico em que se deva interpretar o menos possível e, sobretudo não tentar explicar, mas sim se manter o mais próximo possível das formulações dos atores. Nesse sentido, o autor compreende que toda tentativa de colocar em perspectiva a representação dos atores em relação à realidade que não foi dita por ele mesmo, captada tanto por objetivação etnográfica, estatística ou histórica, se configura como uma violência contra o ator. O sociólogo não pode correr o risco de oprimir o ator com sua interpretação sociológica.

A pesquisa de Lahire (2002) se apresenta, de forma muito pertinente, como referência metodológica central para o desenvolvimento desta pesquisa, na medida em que visou investigar a variação intra-individual dos comportamentos, atitudes, gostos, segundo os contextos sociais, captadas nas dimensões diacrônicas (durante uma biografia) e sincrônicas (em domínios de práticas diferentes ou microcontextos distintos) revelando a pluralidade das disposições incorporadas e a pluralidade dos contextos em que os atores evoluem.

Na busca por um método de investigação que propiciasse o entendimento do universo individual da pesquisada, a escolha cuidadosa dessa ferramenta metodológica requer que analisemos também as limitações empíricas que o conceito de disposição nos traz, considerando disposição uma abstração útil para dar conta das práticas e representações dos indivíduos. Nesse sentido, o primeiro desafio da sociologia disposicional, ainda que não seja obrigatório investigar a gênese das disposições, aponta para a necessidade de ir além da constatação e analisar as condições sociais que produziram esta ou aquela disposição. Também é necessário pensar este conceito como algo recorrente, como uma série ou classe de acontecimentos, ou seja, sugere uma continuidade, o que torna impossível pensar em analisar uma disposição através de um acontecimento ou comportamento único. A disposição se constitui através da duração, mediante repetição de experiências semelhantes.

É importante destacar que a pesquisa de Lahire (2002) que deu origem a este método não pretendeu ser representativa, e também esta pesquisa se orienta no sentido de compreender de forma mais aprofundada a especificidade das trajetórias musicais estudadas. No lugar de tentar compreender cada momento da trajetória individual como uma sequência linear lógica, e postular que cada indivíduo pode ser caracterizado por uma única fórmula que gera seus comportamentos, o estudo é orientado a considerar que o entrevistado está sujeito a forças sociais não necessariamente coerentes ao longo de sua trajetória, e as entrevistas biográficas se configuram como um meio eficaz de questionar os modelos de personalidade coerente e estável. O jogo de ativação das disposições incorporadas é condicionado por todo tipo de diferenciações no mundo social: condições de existência diferentes, do ponto de vista do capital cultural e econômico, ligadas a divisão sexual do trabalho, à autonomia das esferas de atividade e dimensões das práticas (familiar, escolar profissional, etc), ou diferenciações sociais ligadas às posições e papéis que os indivíduos ocupam nos diferentes contextos de interação.

Reis (2014) em sua tese de doutorado investigou o embate entre o que sociologicamente se define por disposições e competências possuídas pelos estudantes de piano de duas universidades federais de Minas Gerais. Sua pesquisa foi inspirada no estudo de Lahire (2002) para desenvolver a metodologia para a construção dos retratos sociológicos, porém ela ressalta que seguiu a mesma direção daquela utilizada na pesquisa portuguesa “Os estudantes e seus trajetos no ensino superior” (COSTA e LOPES et al., 2008) que contou com um aparato metodológico mais simples (uma entrevista com cada estudante) atingindo um número grande de entrevistados (116) possibilitando a categorização em percursos-tipo ao revelar a grande diversidade de trajetórias. Em seu trabalho Reis (2014) optou pela flexibilidade da entrevista semiestruturada com intenção de fazer emergir as especificidades de cada participante. O roteiro da entrevista seguiu quatro eixos, o primeiro referente à origem social do indivíduo, seguido pela formação musical anterior ao momento do ingresso na universidade, a trajetória acadêmica e as práticas culturais dos entrevistados. O processo de elaboração dos retratos sociológicos nesta pesquisa seguiu o direcionamento dado por Costa e Lopes (2008) que inicia com a organização do roteiro das entrevistas, seguida da transcrição do material gravado, edição da entrevista e redação dos retratos.

Ao analisar este dispositivo metodológico, Lopes (2012) contrapõe o princípio da não consciência e situa o entrevistado como voz ativa de sua trajetória. Para ele, os atores sociais reinterpretem criticamente as condições objetivas de existência e os constrangimentos

que pesam sobre a ação; elaboram estratégias e projetos dentro de um campo de possíveis. A situação de entrevista constitui-se um contexto de ativação de competências reflexivas quando se adota o retrato sociológico como ferramenta metodológica. Em uma pesquisa com mulheres clubbers e coordenada por este autor foram analisados os contextos urbanos de música eletrônica (drum'n'bass, trance e techno) enquanto frações sub-culturais preferencialmente underground, considerados espaços potencialmente privilegiados de experimentação de novas feminilidades. Neste caso foram consideradas as possibilidades de 'empoderamento' e de afirmação de uma agência feminina tendencialmente mais liberta de constrangimentos convencionais de base patriarcal.

Nesse sentido também adotamos o retrato sociológico na pesquisa em educação e formação musical com o intuito de criar um contexto de exercício reflexivo e ativo de construção da própria trajetória, assumindo a possibilidade de quebra de padrões já estabelecidos no campo da música popular, e o consequente surgimento do fator representatividade nas pesquisas, no momento em que as instrumentistas discorrem sobre suas trajetórias, além de reinterpretarem criticamente suas atuações, também criam espaços de identificação para outras profissionais do campo. Sobre a capacidade de agência, Mota e Lopes (2017), ao citarem Caetano (2011, p.161), nos falam que a reflexividade pode proporcionar ao sujeito a capacidade (re)elaborar as estruturas sociais entendidas como feixes de constrangimento mas também de capacitação, em constante atualização e concretização pela ação social. Compreender a relação entre reflexividade e agência é "ter em conta quais condições sociais de possibilidade que permitem que as deliberações reflexivas se transformem em ação criativa".

Por fim cabe dizer que esta pesquisa se encontra em sua fase inicial, em que estão sendo realizadas as entrevistas em profundidade com as instrumentistas para a elaboração futura dos retratos sociológicos. Ao investigar a vida dessas mulheres, suas motivações, os estudos musicais, os obstáculos enfrentados e as barreiras que tem encontrado durante sua formação musical e atuação profissional, nos aprofundaremos no debate a respeito das questões de gênero e identidades de grupo, buscando novas formas de compreender as participações das mulheres – consideradas "subversivas" – no campo das tradições musicais.

### **Referências:**

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 1930. Rio de Janeiro, 2ª ed. Bertrand Brasil, 2002.

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão*. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, António Firmino e LOPES, João Teixeira et al., *Os estudantes e os seus Trajetos no Ensino Superior: Sucesso e Insucesso, Factores e Processos, Promoção de Boas Práticas*. Relatório Final, CIES-ISCTE e IS-FLUP, 2008.
- DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. 1949. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1991.
- LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições. *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 49, 2005, pp. 11-42.
- \_\_\_\_\_. *Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais*. Porto Alegre, Artmed, 2002.
- LOPES, João Teixeira. Subjetividade plural no mundo contemporâneo. *Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN*, Natal, v.13, n. 1, p. 81-88, jan./jun. 2012.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Quando era escrava*. In: Rio de Janeiro em prosa & verso. Org: BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond de. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965.
- MOTA, Graça e TEIXEIRA LOPES, João (Orgs.). *Crescer e tocar na Orquestra Geração*. Vila do Conde, Verso da História. 2017
- PINTO, Alexandre Gonçalves. *O Choro; reminiscências dos chorões antigos*. Ed. Fac-similar, 1936. Rio de Janeiro, Funarte, 1978.
- REIS, C. S. Trajetórias em Contraponto: uma abordagem microsociológica da formação superior em piano em duas universidades brasileiras. Tese de Doutorado em Educação. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 309 f, 2014.
- SCOTT, Derek B. The sexual politics of Victorian musical aesthetics. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/594261/The\\_Sexual\\_Politics\\_of\\_Victorian\\_Musical\\_Aesthetics](https://www.academia.edu/594261/The_Sexual_Politics_of_Victorian_Musical_Aesthetics)  
Data de acesso: 21/01/2016.